



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO
FAC. DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

GABRIELA MADUREIRA PIVETTA

A MULHER PERIODISTA NA FOLHA DE S. PAULO

Bauru, 2022

GABRIELA MADUREIRA PIVETTA

A MULHER PERIODISTA NA FOLHA DE S. PAULO

Monografia de conclusão de curso apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Bauru, na Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Associada
Maria Cristina Gobbi

Bauru, 2022

P693m Pivetta, Gabriela Madureira
A mulher na Folha de S. Paulo / Gabriela Madureira Pivetta. --
Bauru, 2022
55 f.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Comunicação Social: Jornalismo) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru
Orientadora: Maria Cristina Gobbi

1. Imprensa. 2. Imprensa feminina. 3. Folha de S. Paulo. 4. Jornalismo. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

À minha mãe, a mulher mais corajosa, amorosa e inteligente que eu conheço. Obrigada por sempre fazer o possível (e às vezes o impossível) para me garantir as melhores oportunidades e pela minha felicidade. Como já dizia nosso amado Raul: “Sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só. Mas sonho que se sonha junto é realidade.” (Prelúdio, Raul Seixas).

Agradecimentos

Sou grata à minha família, por nunca duvidar do meu potencial, mesmo quando eu mesma o fazia.

À minha mãe, por ser minha maior fã e incentivadora, e sempre me oferecer uma palavra de carinho.

Aos meus amigos, sempre a postos para atender meus pedidos de ajuda durante o processo de produção deste trabalho.

À Universidade, que não só compreendeu minhas limitações, mas fez todo o possível para me ajudar devido a problemas de saúde no decorrer do ano de 2022.

E, finalmente, à minha orientadora, que se mostrou empática, solícita, sábia e paciente em todos os momentos.

PIVETTA, Gabriela Madureira. **A mulher na Folha de S. Paulo**. Monografia de conclusão de curso apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Bauru, na Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Professora Associada Maria Cristina Gobbi, 2022.

RESUMO

As mulheres tiveram inserção tardia no mercado de trabalho, e levou ainda mais tempo para que conseguissem se estabelecer no mercado midiático. O presente trabalho tem como objetivo verificar a participação feminina enquanto jornalista em veículos de comunicação, com enfoque no jornal Folha de S. Paulo. Para isso, utilizando pesquisa bibliográfica e documental, após retomada histórica contextualizando o jornal impresso e a imprensa feminina, foi realizada uma análise do conteúdo das publicações na Folha de S. Paulo, utilizando a técnica de semana construída. O período escolhido foram os meses de novembro e dezembro de 2021. A partir das informações obtidas, foi possível a definição dos espaços ocupados por mulheres na Folha, levando em consideração sua presença dentro das editorias e os temas por elas abordados. Conclui-se que a mulher, apesar de estar conquistando seu lugar no jornalismo, ainda perpetua estereótipos de gênero e é ‘excluída’ de assuntos considerados complexos.

Palavras-chave: Imprensa; Imprensa feminina; Folha de S. Paulo, Jornalismo.

PIVETTA, Gabriela Madureira. **A mulher na Folha de S. Paulo**. Monografia de conclusão de curso apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Bauru, na Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Professora Associada Maria Cristina Gobbi, 2022.

ABSTRACT

Women had a late entry to the labor market, and it took even longer for them to establish themselves in the media market. This work aims to establish female participation as a journalist in communication vehicles, focusing on the newspaper Folha de S. Paulo. For this, after historical review contextualizing the printed newspaper and the female press, an analysis of publications taken from Folha de S. Paulo in a built week during the months of November and December 2021 was made. After getting this information, it was possible to define the spaces occupied by women at Folha, considering their presence within the editorials and the themes they address. It is concluded that women, despite gaining their place in journalism, still perpetuate gender stereotypes and are 'excluded' from subjects considered complex.

Key-words: Press; Female press, Folha de S. Paulo, Journalism.

LISTA DE IMAGENS

Imagem	Descrição	Pg.
1	Primeiro periódico mensal (Historische Relatio).....	17
2	Primeiro periódico semanal (Avisa Relation oder Zeitung).....	17
3	Periódico produzido no exterior e exportado para terras brasileiras (Correio Braziliense).....	19
4	Primeiro periódico oficial do Brasil (Gazeta do Rio de Janeiro)...	20
5	Um dos pioneiros jornais franceses de teor feminista (La Voix dês Femmes).....	25
6	Primeiro jornal de consumo feminino (Espelho Diamantino).....	26
7	Considerado o primeiro periódico a tratar de temas de natureza feminina (Jornal das Senhoras).....	27
8	Lançamento da Folha da Noite em 1921.....	31
9	Anúncio nas Folhas de Octaviano Alves oferecendo a assinatura em troca de sacas de café.....	34

10	Maria de Lourdes entre os outros ocupantes das cadeiras da Academia Paulista de Letras, todos homens.....	36
11	Helena Silveira na redação da Folha.....	37

LISTA DE TABELAS

Tabela	Descrição	Pg.
1	Nome da editoria e seus responsáveis, de acordo com site oficial da Folha de S. Paulo	38
2	Porcentagem referentes à presença da mulher nas chamadas “editorias duras”	41
3	Matérias realizadas por mulheres em cada editoria da Folha de S. Paulo durante semana construída entre novembro e dezembro de 2021.....	42
4	Título e autoras das matérias presentes em ‘Cotidiano’	44
5	Ombudsmen da Folha de S. Paulo da atualidade até Caio Túlio Costa.....	47

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico	Descrição	Pg.
1	Total de matérias publicadas em uma semana, e a quantidade delas produzida por mulheres.....	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Problema e objetivos.....	13
1.2 Metodologia.....	14
1.3 Resultados.....	14
1.4 Divisão de conteúdos.....	14
2 A IMPRENSA.....	16
2.1 A presença feminina.....	21
3 FOLHA DE S. PAULO.....	31
3.1 As mulheres na Folha.....	35
3.2 Sistematização de dados coletados.....	39
3.3 Análise de editoria.....	43
3.4 A figura do Ombudsman.....	46
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52

1 INTRODUÇÃO

Um tema alvo de debates há décadas é o “papel” que exerce a figura feminina dentro da sociedade. Está em constante evolução no cotidiano e no imaginário social, porém, ser mulher no passado significava estar um degrau abaixo do que os homens na cadeia evolutiva, não apenas de modo ocasional e subliminar como hoje, mas prevista e explicitamente. Outrora, esperava-se da mulher não apenas encargo social como subalterna, mas também intelectual. Acreditava-se com embasamento na ciência de então que

O homem é mais poderoso em corpo e mente que a mulher, e no estado selvagem ele a mantém numa condição de servidão muito mais abjeta que o faz o macho de qualquer outro animal; portanto, não surpreende que ele tenha ganhado o poder de seleção (DARWIN, 1871, web.)

Reconheceram apenas o seu estado de inferioridade com a educação, então passaram a lutar por mudanças, porém o acesso ao conhecimento em si não foi uma batalha fácil. Para Beauvoir (1949, p.80) existiam mulheres fortes e estrategicamente capazes, mas a necessidade da época de cumprir papéis sociais como a reprodução retiravam-nas da função de guerreiras e submetiam-nas à proteção dos homens das aldeias. Tais fatores, aliados com a raridade de mulheres que subvertiam a ideia da feminilidade frágil imposta, tornaram complexo com que a sociedade ultrapassasse a visão de que o feminino era frágil, fraco e imperativo de proteção.

Nos dias de hoje essa ainda é a visão de muitos acerca do feminino, e é pauta de movimentos feministas levantar bandeiras sobre as capacidades não só da mulher moderna, mas sobre o que a mulher sempre foi capaz de fazer. Pois, na realidade, a singela diferença se encontra na maneira em que o sexo feminino é enxergado e, portanto, a imagem passada não apenas para a sociedade geral, mas para cada mulher no imaginário individual.

Ao decorrer do presente texto, será abordado o conceito da mulher enquanto profissional do Jornalismo no Brasil. Para isto, nota-se a necessidade de uma leitura histórica das publicações não apenas destinadas ao público feminino, mas quais delas tiveram, em sua cadeia de produção, a mão de obra de mulheres.

Para a produção da análise, foram coletadas reportagens do jornal impresso Folha de S. Paulo, criando assim uma representação desse veículo como a mídia tradicional brasileira. Sabe-se que a Folha não fala por todos os veículos de

comunicação do Brasil, porém, devido a seu porte e circulação, pode-se assumir que a presença de mulheres jornalistas dentro da Folha de S. Paulo esteja em situação parecida com outros jornais impressos.

A partir de então foi possível traçar uma relação dos temas mais escritos por mulheres, e se coincidem com assuntos tratados como femininos desde o nascimento dos periódicos femininos em 1830.

É válido ressaltar que o movimento feminista, apesar de extrema importância em todo e qualquer âmbito da vida das mulheres, faz-se presente na seguinte análise apenas ao que tange a inserção da mulher no mercado de trabalho e as publicações denominadas como jornalistas. O feminismo, dividido em primeira, segunda e terceira ondas, mostra-se demasiado denso e relevante para que tenha conceitos apenas pincelados sem aprofundamento. Portanto, explicita-se que seu papel neste texto é de fonte para referência e pesquisa histórica, e não um objeto de estudo.

1.1 Problema e objetivos

Assim, nota-se uma maior presença feminina em veículos midiáticos, principalmente nas últimas décadas, com o advento da internet e a democratização ao acesso e produção de conteúdo. Apesar de a representatividade e inserção de mulheres, assim como outros grupos minoritários, estar longe do ideal, marca-se um período de avanço quando comparado a momentos históricos em que a repressão e inferiorização dessas pessoas foi ainda mais pungente.

A problemática notada foi a tardia inserção da mulher no mercado de trabalho jornalístico, e o questionamento do papel cumprido em uma atualidade em que ela tem presença quantitativa, mas ainda perpetua padrões de gênero.

Tem-se então como objetivo geral deste trabalho determinar os motivos e maneiras em que as mulheres foram inseridas no cenário jornalístico. Em especificidades, a intenção é analisar a mulher enquanto jornalista da grande mídia, com estudo de caso da Folha de S. Paulo, e definir a conservação ou quebra de estereótipos do considerado assunto pertinente ao feminino.

1.2 Metodologia

As reportagens foram retiradas de uma semana construída entre os meses de novembro e dezembro de 2021, e foram observados não apenas a quantidade de publicações assinadas por jornalistas do sexo feminino, como também a que editoria pertenciam e os temas de seus escritos.

De base teórico analítica e conceitual, este trabalho busca não apenas as edições da Folha de S. Paulo, mas desenvolver raciocínios sobre as informações descobertas. Assim, a leitura de bases teóricas, através da revisão bibliográfica, se mostra de extrema importância para a fundamentação de dados e pensamentos.

1.3 Resultados

Afinal, conclui-se que a mulher entre 30 e 40 anos é a nova 'cara' do jornalismo brasileiro, mas que o objeto de estudo (sete dias em semana construída retirada da Folha de S. Paulo entre novembro e dezembro de 2021) segue na contramão deste conceito: a maioria das publicações ainda é realizada por colaboradores masculinos, mesmo que a porcentagem de matérias por mulheres seja superior a 40%, alcançando a marca de 44,7%.

Apesar do avanço numérico, conclui-se também de que temas 'duros', como editoriais de 'Economia' e 'Política', ainda contam com menos reportagens por mulheres em comparação a cadernos que abordam temas sociais, de saúde ou meio ambiente. Isso perpetua a imagem da mulher sensível, mais preocupada com direitos humanos, ainda que incapaz de lidar com assuntos mais sérios e considerados complexos.

1.4 Divisão de conteúdo

Após esta breve introdução, segue-se capítulo realizando uma retomada histórica não apenas da imprensa no geral, mas a imprensa feminina e a inserção da mulher nas redações tradicionais. São abordados temas desde a criação da *Acta Diurna* de Júlio César até o alcance do início de jornalistas mulheres na imprensa tradicional, passando por periódicos criados para e depois por mulheres.

Segue-se então um resumido perfil do veículo escolhido como estudo de caso, a Folha de S. Paulo, desde sua criação até a contratação das primeiras colaboradoras do sexo feminino. É então feita uma breve apresentação sobre as senhoras Maria de

Lourdes Teixeira e Helena Silveira, já dando início à análise das informações descobertas durante a semana construída. Os critérios foi a seleção de publicações de autoria feminina, e então a análise dos temas em que se encaixavam e dos assuntos indicados nos títulos da editoria com maior percentual feminino.

Finalizando, este trabalho conta com uma retomada e arremate dos assuntos tratados, apresentando conclusões e o desfecho da pesquisa.

2 A imprensa

O jornalismo não pode ter seu nascimento datado com precisão, mas acredita-se que foi na era do Império Romano que a ciência deu seus primeiros passos. O Imperador Júlio César implantou a chamada Acta Diurna, produzida e exibida em local público, contando com os principais acontecimentos e eventos (supostamente) do dia. Devido à dificuldade na produção e na apuração das notícias, muitas vezes se exibiam fatos acontecidos há dias ou até semanas. Surgiu ali também a figura do profissional do jornalismo, chamado então de Correspondente Imperial: eram eles os responsáveis por viajar pelas províncias e descobrir o que valia a pena ser contado, geralmente entrando em pauta conquistas militares, ciência e política. A acta diurna não tinha as características do jornalismo que vemos hoje, mas foi então que se deu o conceito de um periódico noticioso.

Um próximo grande passo na história da comunicação aconteceu séculos depois: por volta de 1439 o alemão Johannes Gutenberg revolucionou a maneira de impressão e distribuição em massa com a invenção da imprensa. Até então, as produções eram feitas de maneira quase artesanal, escritas geralmente à pena. O primeiro livro a ser impresso foi a Bíblia, e a praticidade proporcionou não apenas a fabricação em larga escala de livros, mas também de panfletos e jornais.

Nessa época, já era comum a circulação de boletins manuscritos com teor informativo, principalmente entre os comerciantes tratando de assuntos relacionados ao mercado. Até então, a dificuldade de produção fazia com que não fosse adotada a periodicidade, como folhas elaboradas pelos governos lançadas de tempos em tempos. Foi em torno de 1556 que o governo veneziano publicou o *Notizie Scritte*, folha noticiosa inicialmente anual, pela qual o povo pagava uma gazetta pela aquisição. Com o tempo, não só o nome da moeda passou a designar outros impressos informativos como as publicações passaram a ter menor espaçamento. Foi este o caso do alemão *Historische Relatio* (imagem 1), escrito por Samuel Dilbaum quase um século e meio após a invenção de Gutenberg, considerado a primeira publicação de periodicidade mensal.

Imagem 1 - Primeiro periódico mensal (Historische Relatio)



Fonte: Deutsches Textarchiv, 2022.

Recebe o título de primeiro periódico semanal a obra Avisa Relation oder Zeitung (imagem 2), publicada durante a primeira década do século XVII.

Imagem 2 - Primeiro periódico semanal – (Avisa Relation oder Zeitung)



Fonte: Tipografos.net, 2007.

Publicado na cidade de Estrasburgo por Johann Carolus, este foi considerado o precursor dos jornais impressos, de acordo com a Organização Mundial de Jornais (AMJ). No entanto, foi mais tarde no século XVII que, com o surgimento de outras publicações, o critério de proximidade passou a ser adotado: os jornais tinham enfoque local, noticiando então o que fosse relevante para a região de sua produção e distribuição, tomando um pouco mais dos aspectos que vemos hoje.

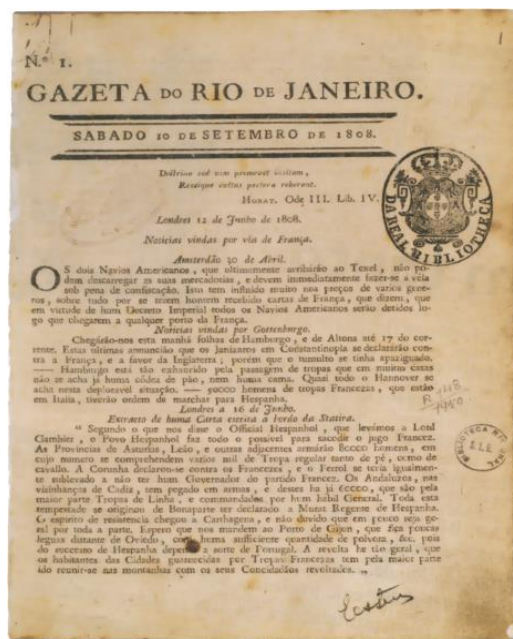
Porém, apesar dos avanços internacionais, a história da imprensa no Brasil teve início tardio e correlação direta ao momento histórico e socioeconômico vivido no país. Antes do deslocamento da Família Real portuguesa para terras brasileiras em 1808, o Brasil colônia vivenciou considerável atraso intelectual, como pontua Fausto:

A vinda da família real deslocou definitivamente o eixo da vida administrativa da Colônia para o Rio de Janeiro, mudando também a fisionomia da cidade. Entre outros aspectos, esboçou-se aí uma vida cultural. O acesso aos livros e a uma relativa circulação de ideias foram marcas distintivas do período. Em setembro de 1808, veio a público o primeiro jornal editado na Colônia; abriram-se também teatros, bibliotecas, academias literárias e científicas, para atender aos requisitos da Corte e de uma população urbana em rápida expansão. (FAUSTO, 1996, p. 78-79)

As mulheres, principalmente as mais abastadas, também foram beneficiadas pela convivência com a corte e os novos costumes importados da Europa, como explica Constância Lima Duarte (2017). Neste período verifica-se o início do letramento feminino, que, após longo processo de domínio do conhecimento erudito, apodera-se da literatura e do esclarecimento com ela acarretado.

Mesmo considerando as transformações no campo das ideias e de circulação do conhecimento, deve-se considerar as implicações do absolutismo. Os avanços eram pontuados por censuras, como aconteceu com a impressão tipográfica. Amplamente utilizada no exterior, era considerada uma ameaça ao modelo de governo vigente, fazendo com que as únicas publicações até a acomodação da corte em terras brasileiras fossem aquelas produzidas à mão ou importadas, como é o caso do Correio Braziliense (imagem 3), de Hipólito José da Costa (1808). Devido a proibição da imprensa na colônia, o Correio era desenvolvido na Inglaterra e chegava ao Brasil de forma clandestina.

Imagem 4 - Primeiro periódico oficial do Brasil (Gazeta do Rio de Janeiro)



Fonte: GOV.br, 2022.

A Gazeta do Rio de Janeiro era estruturada em duas partes: seção noticiosa e seção de avisos. Na seção noticiosa a folha circunscrevia a fala do redator, incluía artigos escolhidos de diversos jornais europeus, apresentava cartas de militares e políticos de relevância no período, inseria informações burocráticas [...] e também noticiava o cotidiano da realeza [...]. Já a seção de avisos era o local onde se concentravam os mais diversos tipos de anúncios, cujo enfoque, na maioria das vezes, era a prestação de serviços. (MEIRELLES, 2006, p. 4)

A censura real foi mantida até meados da segunda década do século XIX, e a partir da Proclamação da República que o Brasil vivenciou ainda maiores avanços em diversas áreas, como a

abertura de portos a outras nações, autorização para instalação de indústrias, fundação do Banco do Brasil, abertura de centros de ensino, escola de medicina, criação do Museu Nacional, Academia de Belas-Artes e Biblioteca Real [...]. Esses foram alguns dos empreendimentos importantes que despertaram a sociedade para a produção e consumo de bens imateriais, como livros e jornais (OLIVEIRA, 2017, p. 19).

Como resultado dessa expansão econômica e cultural, o campo intelectual também sofreu mudanças. Como prova, tomamos a abertura de diversas redações, responsáveis pela produção de jornais, revistas e folhetins.

2.1 A presença feminina

Foi entre os séculos XVIII e XIX que a Revolução Industrial ganhou força pelo mundo todo. Durante esta época, os processos de produção sofreram avanços significativos, mas não sem consequências aos meios sociais e ambientais. As relações de trabalho passaram por transformações, como a substituição da manufatura pela maquinofatura. Assim, processos de produção que requeriam mão de obra especializadas passaram a ser realizados por máquinas, com a necessidade de pessoas apenas para operá-las. A carga de trabalho aumentou, devido à maior capacidade de produção, o que fez com que jornadas de trabalho extenuantes fossem implantadas, e aqueles incapazes de cumprir com as expectativas de seu empregador fossem substituídos.

Isso acarretou também na necessidade de mais operários, devido a dois fatores: a rápida industrialização sobrecarregou a faixa demográfica considerada apta ao trabalho, que seria a parcela masculina da população, e a convocação desses homens trabalhadores para a Primeira Guerra Mundial. O ritmo de produção não poderia ser afetado, e por esta razão acabam recorrendo ao trabalho feminino. “No final do século XIX, [...] as mulheres já eram maioria na indústria têxtil, representando 51% do total de operários” (RODRIGUES et al, 2015, pg. 5)

No entanto, é válido mencionar a presença massiva da parcela feminina da população no trabalho doméstico. Desde muito antes da inserção significativa das mulheres como força de trabalho remunerado, essa era a classe responsável por extenuantes jornadas no papel de mantenedora de sua casa, realizando tarefas domésticas e zelando pelo bem estar dos filhos e marido. Como trabalho em tempo integral e considerado de incubência unicamente feminina, a mulher, ao participar do mercado de trabalho remunerado, acabou tendo dois empregos, ainda que um fosse realizado pelo senso de dever, e não por recompensa financeira.

Assim como ao que tange a expansão da imprensa, o Brasil novamente foi ao encontro com o observado ao redor do mundo. Há indícios de que não houve uma progressiva substituição da mão-de-obra masculina pela feminina ao longo da

constituição do parque industrial brasileiro, mas exatamente o contrário, ao menos até os anos 1960. Em 1872, as mulheres representavam cerca de 45,5% da força de trabalho brasileira, sofrendo uma significativa ‘expulsão’ do mercado de trabalho entre o final do século XIX e início do século XX.

Pode-se atribuir a diminuição expressiva da mão de obra feminina ao triunfo de concepções de gênero e padrões morais de conduta para os sexos, que definiam o que era apropriado ou não para mulheres. Às mulheres, eram relegadas funções domésticas, como a maternidade e a manutenção da casa, se isentando da manipulação do dinheiro, considerado objeto público e impuro. “Enquanto o movimento operário atentava para a fragilidade das ‘pobres mocinhas’ que trabalhavam nas fábricas, [...] médicos tentavam provar sua inferioridade física, mental e moral em relação aos homens” (RAGO, 1994, p. 225). As autoridades da época desaconselhavam as indústrias a contratarem mulheres, pregando que tirar as mulheres de casa resultaria na dissolução da família. O discurso não se estendia, porém, ao trabalho de mulheres pobres, que era considerado necessário, criando uma confluência dos ideais de mulher, de acordo com sua classe social.

O movimento operário frequentemente criticava a passividade e cobrava a participação da mulher, apesar de que, na prática, as condicionaram à função de auxiliares, subordinadas aos líderes dos movimentos. “Frequentemente, os anarquistas e socialistas reclamavam de que a falta de mobilização das mulheres operárias levava a que a exploração do trabalho chegasse a níveis absolutamente ultrajantes” (RAGO, 1994, p. 229), e acreditavam que a inserção feminina no mercado de trabalho contribuiria para menores salários ou desqualificação do trabalho, já que lhes eram relegadas funções menos especializadas e com salários menores.

Tais consequências, no entanto, fez com que o movimento operário trabalhasse pela igualdade salarial, ainda que na maioria das vezes, com ressalvas: recomendaram a jornada de trabalho reduzida e a proibição do trabalho noturno para mulheres. Isso não significa que todas as mulheres acataram as determinações das autoridades ou dos sindicatos, se mobilizando por causas político-partidárias, como por exemplo a realização de greves e protestos.

A postura combativa, seja dos sindicatos ou de organizações espontâneas femininas, fizeram com que tais ideais vigorassem até meados dos anos 1960, resultando no retorno das mulheres a cargos profissionais.

Porém, se os homens já sofriam exploração pelos donos dos meios de produção, as mulheres enfrentavam ainda piores condições de trabalho: as jornadas de trabalho podiam ser ainda mais longas, e o pagamento ainda menor. De acordo com Oliveria,

o preconceito e repressão ao sexo feminino estava incutido na sociedade dentro e fora de casa, atravessando o tempo, até que as raízes dessa exploração [...] tornaram-se questionáveis, surgindo mobilizações organizadas em defesa de uma consciência social da mulher como ser com igual direitos ao homem (OLIVEIRA, 2017, pg. 23).

Não era a primeira vez que a igualdade de gênero surgia como pauta no mundo: o Iluminismo, com seus ideais de igualdade, universalidade e liberdade, despertou um senso de injustiça na população feminina. Neste momento, os pensadores e filósofos eram, em sua maioria, homens, e tendiam a deixar de lado as questões femininas, mesmo que englobadas nos princípios do que defendiam.

Uma das mais esperadas consequências da revolução é que ela selasse o destino feminino, fazendo com que as mulheres fossem, nesse momento, vistas como sujeitos de direitos, o que efetivamente não ocorreu [...]. Os valores iluministas e burgueses atingiram somente aos homens, perpetuando sua individualidade de direitos de tal modo que assim como foram outros tempos, o Iluminismo também foi um período masculino (MENUCI, 2018, p. 3).

No entanto, a conjectura social despertou em algumas mulheres, geralmente burguesas e ainda localizadas na esfera doméstica, o desejo pela mudança. Na França, foram criados os Salões Literários, geralmente sediados nas casas das mulheres da burguesia, e locais destinados a debates culturais e políticos. As mulheres, porém, ainda eram proibidas de participar efetivamente da política francesa, o que resultou na ocupação de um espaço entre as esferas pública e privada. Foi a partir dessa “explícita não inclusão das mulheres é que começou a surgir no mundo ocidental um movimento feminino em busca do reconhecimento de sua cidadania política e pela igualdade de direitos” (KARAWJCZYK, 2014, p. 70).

O Iluminismo no Brasil ocorreu durante o período joanino, ou seja, antes da Independência, que seria o maior objetivo dos pensadores iluministas no país. Como mencionado, o período pré-independência foi marcado por forte censura e ínfima circulação de conhecimento. Os ideais se contrapõem, já que enquanto o Brasil

colônia tem difícil acesso à erudição, a onda Iluminista que chega ao país prega exatamente o contrário: oposição a tudo que esteja no caminho para a conquista da liberdade e igualdade, principalmente de ideias e estigmas.

Apesar das dificuldades, “o Iluminismo motivou as revoluções burguesas que trouxeram o fim do Antigo Regime e a instalação de doutrinas de caráter liberal” (SOUSA, 2022, web). Então, pode-se concluir que o período trouxe consequências concretas à conquista da liberdade, ainda que não obtendo resultados diretos pela equidade de gênero.

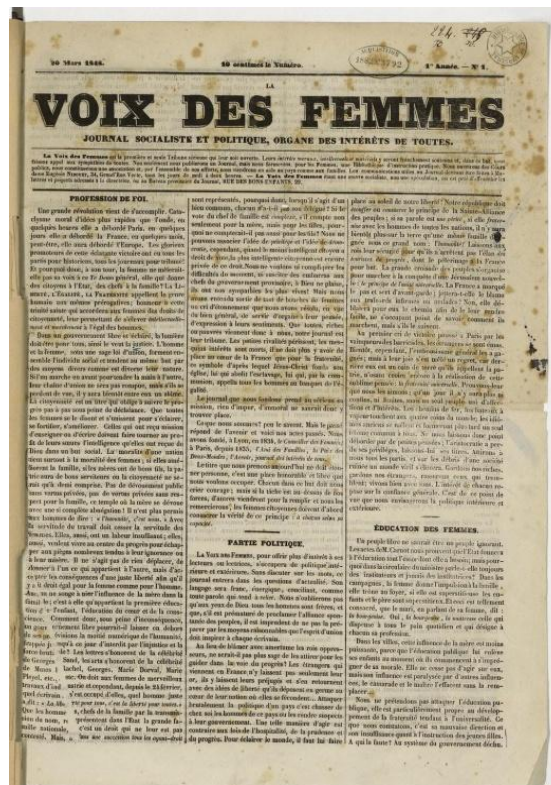
Foi após a conquista da Independência que a mulher experienciou então a onda que teve início com os dogmas iluministas: a expansão de seus horizontes e uma revolução intelectual, devido a novos ambientes de socialização e maior contato com divergentes ideias. Até a década de 1870 era pequeno o número de brasileiras alfabetizadas, e isso se deve ao fato de que era aguda a força das estruturas limitadoras, papel desempenhado pela Igreja, Estado, família e escola. Tais entidades estiveram em consenso sobre o papel da mulher por muitos anos: o de esposa, mãe e cristã submissa. Foi apenas em 1879 que as instituições de ensino superior passaram a aceitar a presença feminina, formando as primeiras brasileiras nos cursos de Medicina e Direito, mesmo em ambiente de hostilidade masculina.

O novo perfil da mulher não era o da esposa doméstica e que dificilmente ultrapassa os limites de seus portões por si só, pelo contrário: ela passou, quando adquiriu ocupação laboral, a testemunhar os efeitos da exploração não apenas operária, mas feminina. A consciência de seu estado de desvantagem levou-as a protestar por condições mais igualitárias. Durante este período, as mulheres não apenas passaram a ser reconhecidas como consumidoras de conteúdo jornalístico, como a ter necessidade de um periódico que retratasse o novo cotidiano feminino e proporcionasse um veículo para que suas demandas fossem ouvidas.

Porém, como pontua Constância Lima Duarte: “antes que a autoria feminina protagonizasse os próprios periódicos, alguns homens da imprensa, atentos às novidades e às mudanças de costumes, se apressaram em oferecer jornais destinados às leitoras” (2017). Foi então que nasceu a imprensa feminina: nesse “processo geral com o intuito de inserir as mulheres nos debates sobre a política, a moralidade e a educação que mobilizavam a sociedade brasileira no início do século XIX” (GOMES, 2009).

A França foi pioneira na produção de periódicos destinados a mulheres. Nas primeiras edições, temas recorrentes eram o entretenimento, moda e dicas de comportamento com o que se julgava adequado às mulheres da época. Porém, no período pós-revolucionário surgiram jornais com teor feminista, como foi o caso de L' Athenée des Dames, La Voix des Femmes (imagem 5), e Le Droit des Femmes. Esses títulos abordavam ideias progressistas, passando pelo divórcio e pela educação superior feminina.

Imagem 5 - Um dos pioneiros jornais franceses de teor feminista (La Voix des Femmes)



Fonte: Gallica, sem data.

No Brasil, o primeiro título voltado ao consumo feminino conhecido é o Espelho Diamantino (imagem 6), fundado por Pierre Plancher em 1827. Ele convidava a parcela feminina mais privilegiada, retratada em suas próprias páginas como “as mais hábeis”, a acessarem seu conteúdo repleto de instrução, abordando temas como arte e moda, mas também com inserções sobre literatura e política. O modelo francês foi

referência para sua criação, adotando muitas práticas inspiradas e até mesmo alguns textos na língua francesa.

Imagem 6 - Primeiro jornal de consumo feminino (Espelho Diamantino)

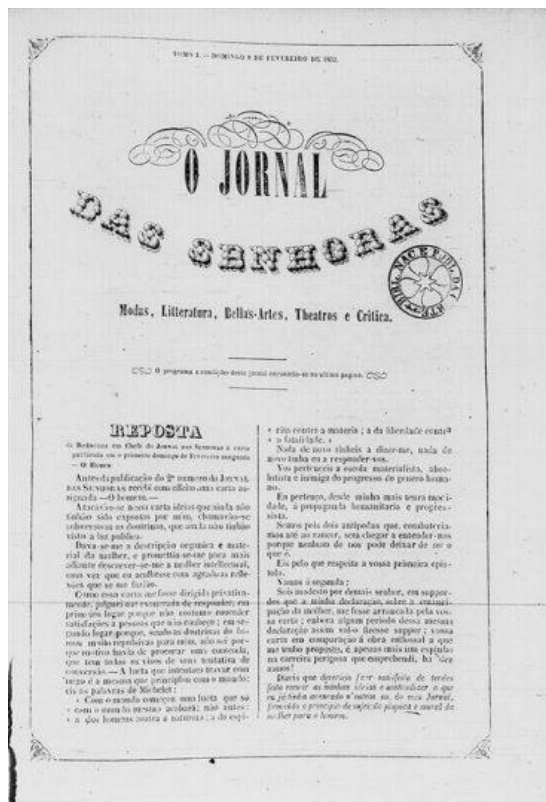


Fonte: Memória BN, digitalização.

Alguns anos depois, em 1833, surgiu o primeiro periódico de produção feminina, por Maria Josefa Barreto, com os títulos *Belona Irada contra os Sectários de Momo e Idade d'Ouro*. Estes, mais outros títulos surgidos em mesmo período, refletem o período de transformação de papéis de gênero, além de ressoar uma nova voz: a mulher como intelectual, produtora de conteúdo e com funções importantes na manutenção política e econômica do país.

O título de fundador do periodismo feminino, porém, é do *Jornal das Senhoras* (imagem 7), tendo em vista que os seus quatro precursores na imprensa de produção feminina não tratavam especificamente de temas considerados como de natureza feminina. Já o periódico de 1852 trazia, além de receitas e conteúdo de moda, reivindicações de equidade e melhores condições de vida para mulheres. Este foi tema frequente em muitos periódicos seguintes, que serviram de meio de exposição para mulheres veicularem suas reclamações e demandas.

Imagem 7 - Considerado o primeiro periódico a tratar de temas de natureza feminina
(Jornal das Senhoras)



Fonte: Histori-se, 2021.

Existiram também alguns títulos como O Mentor das Brasileiras, Manual das Brasileiras, O Despertar das Brasileiras e O Espelho das Brasileiras. Tais jornais tinham em comum a aspiração de contribuir para com a formação e instrução feminina, mas também o tom condescendente de fazê-lo: colocando-se em posição de superioridade e assumindo papel de mentor, colocam-se como detentores do conhecimento. Por outro lado, alguns jornalistas acreditavam que a imprensa seria uma escola em potencial, explicando, ao menos em parte, a iniciativa ideológica patriarcal nos títulos de tais jornais, que foram os primeiros voltados ao consumo femininos no Brasil, após o Espelho Diamantino.

Durante o decorrer do século XIX mais tantos jornais do mesmo segmento foram inaugurados. Após os citados acima, os títulos passaram a conter papéis assumidos por mulheres, como A Infeliz Viúva Peregrina ou A Mulher do Simplicio, atribuindo-as à sua participação na estrutura familiar. Era comum também nomear os periódicos com objetos relacionados ao público a quem se destinavam: seguiu-se uma

onda de jornais com nome de flores, adornos, pedras preciosas, pequenas aves e insetos (DUARTE, 2017). Foi este o caso do A Violeta (1848), O Brinco das Damas (1849), A Esmeralda (1850) e A Borboleta (1857), entre vários outros.

Além dos títulos, chama a atenção a diversidade de conteúdos. Enquanto alguns jornais traziam assuntos considerados pertinentes ao saber feminino, buscando reiterar o papel esperado ao comportamento feminino, outros faziam o exato oposto, buscando questionar esses paradigmas de gênero, inserindo a mulher no cenário sócio-político da época. Algumas das colaboradoras eram mulheres aproveitando a seção reservada para as opiniões e produções literárias das leitoras, enviando seus textos em busca de divulgação nos periódicos, muitas vezes sem nenhum vínculo com a redação. Isso não significa que não existiam as mulheres desempenhando o papel de jornalistas: após o lançamento do Mentor das Brasileiras, em 1829, o espaço para contribuição feminina foi consolidado. O Espelho das Brasileiras, de 1831, marcou a história por ser o primeiro jornal a aceitar a contribuição feminina desde o primeiro número.

Mas foi em 1832, com A Mulher do Simplicio, a estreia do primeiro jornal supostamente dirigido por uma mulher no Brasil. Porém, apesar de evidências como assinaturas no feminino (“authora” e “redactora”), não existe prova concreta de que o jornal editado por Francisco de Paula Brito tenha sido de fato de responsabilidade feminina. O mesmo aconteceu com A Mineira no Rio de Janeiro, também com fortes indícios e nenhuma prova concreta de iniciativa feminina.

A segunda metade do século XIX foi o palco para o surgimento de jornais elaborados por mulheres que, dependendo do posicionamento das editoras e das colaboradoras, podiam assumir um caráter feminista. Contudo, nem todos os periódicos elaborados por mulheres nesse período possuíam um discurso ‘emancipador’ (GOMES, 2009, p. 32).

Exemplo disso seria O Jornal das Senhoras (1852), que dirigiu seu discurso mais aos homens do que às mulheres uma vez que, na opinião de sua redatora Joana Paula Manso de Noronha, estas já possuíam a consciência de sua situação ‘inferior’ na sociedade sustentada pelo ‘despotismo’ masculino. Seu apelo era para que homens mudassem o modo como enxergavam a mulher: desejava que deixassem de vê-las como propriedade e escrava, ressaltando seu papel de “mãe dos filhos do Brasil”, como pontua Gomes (2009, p. 33).

Os jornais que visavam o consumo feminino encaravam também esse olhar carregado de preconceito, surgindo a necessidade de esclarecer que aquela não seria uma leitura prejudicial à honra das mulheres ou que feriria a moral e bons costumes. Além da hostilidade para com os periódicos, marcou-se também o início do preconceito com a jornalista. O gênero foi pretexto para julgamento de aptidão do trabalho jornalístico realizado, respaldando-se apenas no fato de ter sido produzido por uma mulher.

As mulheres historicamente recebem pagamentos menores para a realização das mesmas funções que um homem, e na área da comunicação não foi diferente. Uma trajetória marcada pela luta por equidade não apenas no tratamento, mas no âmbito salarial foi trilhada pelas jornalistas. A discrepância de remuneração persiste até a atualidade, ainda que em menores moldes, porém outro problema importuna as profissionais da imprensa: ambientes de trabalho que se tornam inseguros devido a comportamentos inadequados de colegas ou até mesmo de superiores. De acordo com a pesquisa “Mulheres no Jornalismo Brasileiro”¹, 73% das jornalistas que responderam ao questionário afirmam já ter escutado comentários ou piadas de natureza sexual no exercício da profissão. Enquanto isso, 92,3% das mulheres informam já ter ouvido piadas machistas, configurando o assédio para além do sexual, mas moral.

Até a década de 30, as mulheres não eram facilmente admitidas nas redações da imprensa tradicional, principalmente em turnos noturnos. Durante o dia, podiam ser encontradas exercendo o cargo de secretária ou faxineira, mas eram poucas as mulheres inseridas na produção jornalística. Até os dias atuais, mais da metade das jornalistas alegam ter sua competência questionada por um colega ou superior, o que, apesar de longe do ideal, já é um avanço ocorrido durante o último século, quando não eram admitidas no cargo.

Hoje, 58% dos profissionais do jornalismo no Brasil são mulheres. Essa é uma vitória, se comparada com o cenário do século passado, mas o jornalismo ainda enfrenta dificuldades no que tange o campo da diversidade. O perfil do jornalista brasileiro é de uma mulher, branca, entre 30 e 40 anos de idade, o que evidencia uma outra questão: cerca de 67,8% dos periodistas brasileiros são brancos, enquanto

¹ Pesquisa realizada em 2017 pela Gênero e Número e a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, com o apoio do Google News Lab.

20,6% são pardos, 9,3% pretos, 1,3% amarelos e 0,4% indígenas, aponta a pesquisa “Perfil do Jornalista Brasileiro”² (MEIO&MENSAGEM, 2022). Instaure-se o sentimento de que a imprensa, ao superar um desafio de diversidade, que seria a participação feminina, acabou por ignorar as causas de minorias raciais.

Este é um tópico amplamente debatido entre os acadêmicos e os profissionais da comunicação, levando as grandes empresas midiáticas a se movimentarem para “promover a diversidade entre os seus jornalistas e nas suas pautas. Um destes exemplos é a criação, em 2019, da editoria de diversidade num dos maiores jornais do país, a Folha de S. Paulo” (MEIO&MENSAGEM, 2022).

É a Folha, também, que protagoniza a pesquisa realizada entre os meses de novembro e dezembro de 2021 e estudada no presente trabalho, buscando analisar a participação da mulher enquanto jornalista e os assuntos por elas tratados dentro das editorias do jornal, como disponível no próximo capítulo.

² Estudo realizado em 2021 pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

3 A Folha de S. Paulo

Foi em 1921 que Olívio Olavo de Olival Costa, ao lado de Pedro Cunha, deram início ao que se tornaria hoje um dos maiores veículos de comunicação brasileiro e referência no jornalismo escrito. A *Folha de S. Paulo* começou como um periódico vespertino, com o nome de *Folha da Noite* (imagem 8). O tom das publicações era irônico, e o próprio programa editorial anunciava o jornal como “incoerente” e “oportunistista”, contendo menos artigos rebucados e textos mais curtos. Como dizia Olívio Olavo, que além de um dos fundadores foi o principal jornalista da primeira década da *Folha*: “Povo não lê artigos. Povo quer notícias”.

Imagem 8 - Lançamento da Folha da Noite em 1921



Fonte: Folha, 2021.

Olívio Olavo e Pedro Cunha, porém, não contavam com o orçamento inicial para investir na criação de um jornal. Ambos estavam saindo de empregos na redação do *Estado de S. Paulo*, que, na época, era o matutino de maior prestígio do país. Foi então que acordaram com Júlio de Mesquita, proprietário do *Estado*, que usariam as oficinas do matutino. “Se, ao cabo de quinze dias, a aventura fosse bem-sucedida, eles saldariam a dívida de impressão; se malograsse, pagariam o débito em suaves prestações mensais” (PINTO - Folha Explica, 2012, p. 14).

A empresa obteve êxito, ainda que com contratempos: a dívida foi cobrada em apenas sete dias, o que levou os donos da *Folha* a usarem tudo o que possuíam para saldá-la. A partir daí, todo o investimento usado foi fruto da venda de exemplares e de publicidades.

O primeiro contrato social foi registrado no decorrer de um ano, e deles fizeram parte também Antonio dos Santos Figueiredo, Mariano Costa e Ricardo de Figueiredo. Houve ao menos três razões para o sucesso do jornal, sendo elas o período oportuno, boa definição de público alvo e o clima de instabilidade política. O primeiro se deve ao fato da pouca exploração do rádio, criando um período vazio de informativos e entretenimento: quando os funcionários deixavam seus trabalhos, era a *Folha da Noite* que liam a caminho de casa. O segundo fator está entrelaçado ao primeiro: o público definido foi esses trabalhadores urbanos, não apenas servindo como uma distração, mas definindo conteúdos relevantes, como reivindicações operárias, se colocando no papel de “fiscalizar o governo”. Por último, foi benéfico para o sucesso da *Folha* o clima de incerteza no campo político, fazendo com que o interesse por noticiários crescesse.

A oposição explícita ao governo vigente resultou na proibição da circulação da *Folha da Noite* por tempo indeterminado. Porém, já que Olival Costa havia registrado cinco títulos, o mesmo jornal passou a circular sob o nome de *Folha da Tarde*. Foi em 1925, em momento de fatura para os donos, que a *Folha* inaugurou sede e oficina próprias, e que o nome *Folha da Noite* retornou como título do jornal. As instalações eram improvisadas, mas renderam a Olival Costa e Pedro Cunha, agora os únicos donos, o suficiente para inaugurar um novo título: a *Folha da Manhã* era destinada a profissionais liberais, comerciantes e pequenos proprietários, com a gráfica e o estilo editorial um tanto mais sóbrios, ainda que o conteúdo fosse semelhante ao da *Folha da Noite*.

Em 1929, no entanto, a redação sofreu os efeitos da quebra da Bolsa dos Estados Unidos. A economia cafeeira do Brasil entrou em declínio, refletindo na conjuntura política, o que causou grande instabilidade. As *Folhas*, apesar de favoráveis ao presidente eleito Washington Luís, mantiveram sua postura crítica à “política dos partidos dominados por uma aristocracia rural” (PINTO - Folha Explica, 2012, p. 19). Nessa época, as *Folhas* ainda exalavam simpatia pela oposição gaúcha aos republicanos mineiros e paulistas, o que acabou desbotando ainda antes do início da próxima década, em concordância com os princípios e interesses do jornal: a manutenção da “ordem”, benéfica para os negócios, e a defesa dos interesses paulistas.

O antagonismo à Aliança Liberal fez com que manifestantes depredassem redações contrárias a Getúlio Vargas, e não foi diferente para as *Folhas*. Rotativos e linotipos foram destruídos, e o que sobrou foi comprado pelo fazendeiro e comerciante Octaviano Alves de Lima, que via nos jornais uma oportunidade de fortalecer a atividade cafeeira. A seção comercial aumentou, com foco, nos primeiros meses, na agricultura e comércio exterior, chegando a oferecer assinaturas em troca de sacas de café (imagem 9).

Imagem 9 - Anúncio nas Folhas de Octaviano Alves oferecendo a assinatura em troca de sacas de café

Aos fazendeiros e sitiantes do interior

Um meio fácil de tomarem assignaturas das "FOLHAS"

No intuito de facilitar aos fazendeiros e sitiantes a leitura da "FOLHA DA MANHÃ" e da "FOLHA DA NOITE", órgãos da Lavoura, a Empresa Folha da Manhã Ltd. deliberou aceitar café em pagamento de assignaturas. Assim, dará quitação por um anno e enviará um dos jornaes (à escolha do interessado) a cada pessoa que, em carta registrada, lhe remetter conhecimento de uma sacca de café, tipo 4, peso liquido 60 kilos, e saccaria de primeira viagem.

Esse café pôde ser despachado por conta das tres saccas que cada fazendeiro tem direito de enviar mensalmente a S. Paulo, para fins particulares, independente de quota. O despacho deve ser feito para: EMPREZA FOLHA DA MANHÃ LTD. - S. PAULO. - Os despachos pela Mogyana e Paulista, devem ser feitos para o Pary; os da Sorocabana, para a Barra Funda.

Fazendeiros! Assignem os jornaes que defendem a Lavoura!

Fonte: LIVRO - Folha explica Folha, p. 23.

Porém, as páginas tomaram assuntos de política nacional e internacional, a pedido de acontecimentos imperativos como o golpe do Estado Novo e a Segunda Guerra Mundial. O apoio das *Folhas* a Getúlio Vargas oscilou durante os anos, porém mantiveram as objeções quanto à censura adotada pelo governo. Quando despontou a Revolução Constitucionalista liderada pelo Partido Democrático, em 1932, o jornal já fazia parte da oposição, mas aceitaram a repressão a partir de 1935, com a tentativa fracassada de golpe por parte do Partido Comunista. Vargas passou a controlar a imprensa, e o noticiário político foi escasso até o início da década de 40. Foi apenas no decorrer de uma década, findos o governo Vargas e a Segunda Guerra Mundial, que as *Folhas* voltaram circular livremente, destinando maior verba à infraestrutura. Compraram equipamentos e mudaram para melhor prédio de redação, o que propiciou o lançamento de mais uma *Folha*: a *Folha da Tarde* entrou em circulação em 1949, e logo superou os números de circulação de suas versões da noite e da manhã.

Apesar do sucesso, o proprietário decidiu vender as *Folhas*: os novos proprietários eram, inicialmente, o conde Matarazzo e Nabantino Ramos. Após frequentes desentendimentos, Nabantino prosseguiu como único dono dos jornais. Foi em 1960 que Nabantino decidiu unificar as três *Folhas* sob o nome de *Folha de S.*

Paulo, sob clima de instabilidade política e econômica, durante o governo JK. Com as contas ainda no vermelho, foram Octavio Frias, em sociedade com Carlos Caldeiras e, por alguns meses, Caio de Alcântara Machado, que compraram a *Folha* em 1962. Apostaram na expansão empresarial, melhoria de distribuição e modernização tecnológica para a ampliação dos negócios, estratégia que deu resultados, principalmente pela vantagem obtida no interior e em outros estados.

Independente dos planos ambiciosos, o horizonte anunciava maus momentos, com o golpe de 1964. A *Folha* se mostrou favorável, assim como boa parte da grande imprensa, mostrando-se crentes de que o Congresso elegeria um novo presidente no prazo constitucional. Porém, o período foi marcado por censuras intensas o suficiente para frear o investimento no jornalismo, retomando apenas quatro anos depois. No final da década de 60, as passeatas e manifestações em defesa a eleições diretas foram elogiadas pela *Folha*, que reabriu a *Folha da Tarde*, que foi comandada por jornalistas de esquerda e manteve comunicação direta com os opositores e com estudantes. Apesar da publicação do AI-5 por Arthur da Costa e Silva, a *Folha de S. Paulo* ainda manteve seu público mais jovem, feminino e menos rico do que o do *Estado*.

3.1 As mulheres na Folha

Foi nessa transição para mais um governo ditatorial que a *Folha* contou com a contribuição de Maria de Lourdes Teixeira e de Helena Silveira, consideradas as primeiras mulheres a trabalhar na redação do jornal. As mulheres foram trazidas como investimento no setor cultural, para abordar temas como literatura e televisão, evitando assim demasiados comentários políticos em uma época de repressão.

Maria de Lourdes, além de jornalista, era uma escritora e romancista renomada, sendo a primeira mulher a ser indicada para a Academia Paulista de Letras (imagem 10) e, no ano seguinte, ganhando seu segundo prêmio Jabuti, em 1970.

Imagem 10 - Maria de Lourdes entre os outros ocupantes das cadeiras da Academia Paulista de Letras, todos homens



Fonte: G1, 2022.

Maria de Lourdes trabalhou também como correspondente em Paris para o jornal *O Estado de S. Paulo*, e era redatora da *Folha da Manhã*.

Helena Silveira (imagem 11) era responsável por uma coluna cultural, chamada “Helena Silveira Vê TV”. Seu estilo era uma mescla entre crônica e crítica, e sua coluna permaneceu em circulação de 1970 a 1984. “A escolha de um nome ligado ao universo literário para a crítica de televisão evidenciava a relevância que o veículo ganhava na cultura nacional, conforme analisou o pesquisador Pedro Paulo da Silva, que fez mestrado na USP sobre a colunista” (MATTOS, 2021). Seus textos foram publicados até o ano de sua morte, apesar de ter sofrido com a modernização do jornal: “ela já tinha mais de 70 anos quando uma equipe de jovens jornalistas foi alçada a postos de chefia e implementou uma série de mudanças editoriais no jornal, entre elas a valorização da objetividade e a concisão dos textos” (MATTOS, 2021). Em 1984, Helena faleceu devido a um câncer.

Imagem 11 – Helena Silveira na redação da Folha



Fonte: MATTOS, 2021.

Na segunda metade da década de 80, com o fim da ditadura e em período de redemocratização, a *Folha* passou por mais um processo de modernização, passando por renovações gráficas e criação de cadernos temáticos. Tais mudanças a deixaram em moldes similares aos da atualidade, se tornando o jornal mais vendido do país em ainda antes do começo da próxima década.

A popularidade da *Folha* se manteve até os dias atuais, consolidada como um dos maiores veículos de comunicação do país. Hoje, ela conta com 319 jornalistas, dos quais 141 são mulheres, representando cerca de 44,2% do total de profissionais do jornalismo³. Destas mulheres, 15 estão em posição de comando das editorias, o que representa mais de 50% do total de editores (tabela 1).

³ Censo apresentado por Flavia Lima na última Reunião do Conselho Editorial realizada em 15/08/2022.

Tabela 1 - Nome da editoria e seus responsáveis, de acordo com site oficial da Folha de S. Paulo

EDITORIA	RESPONSÁVEL
Agência Folha	Juliana Coissi
Audiência e Digital	Camila Marques
Cotidiano e Esporte	Fábio Haddad
DeltaFolha	Flávia Faria
Empreendedor Social	Eliane Trindade
Equilíbrio	Victoria Damasceno
Especiais, Seminários e Treinamento	Suzana Singer
F5	Cleo Guimarães
Guia	Bruno Molinero
Homepage	Hanuska Bertoia
Ilustrada	Silas Marti
Ilustríssima	Marcos Augusto Gonçalves
Imagem	Thea Torlaschi Severino
Interação	Mateus Camillo
Mercado	Ana Estela de Sousa Pinto
Coluna Mônica Bergamo	Mônica Bergamo
Mundo	Daigo Oliva
Newsletters	Paulo Passos
Painel	Fábio Zanini
Painel SA	Joana Cunha
Parcerias	Roberto Oliveira
Podcasts	Magê Flores
Poder	Eduardo Scolese
Ambiente	Giuliana Toledo
Tendências/Debates	César Camasão
Vida Pública	Jairo Marques
Redação e Banco de Dados	Juliana Laurino

Fonte: Desenvolvida pela autora, 2022.

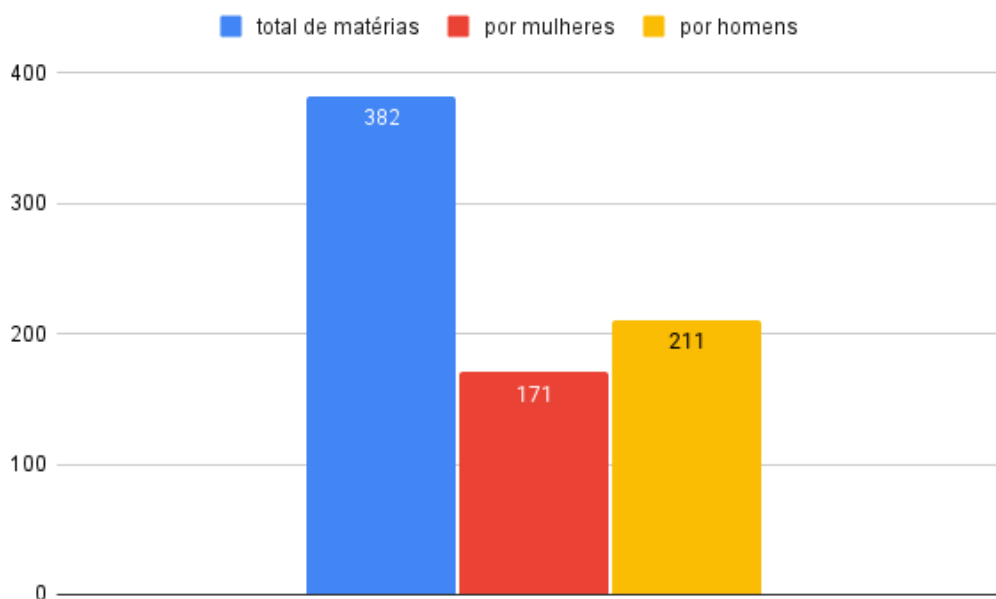
A quantidade de jornalistas mulheres indica que a Folha de S. Paulo não acompanha, em sua redação, a tendência analisada pela Universidade Federal de Santa Catarina em seu estudo “Perfil do Jornalista Brasileiro”, que constata que o jornalismo contemporâneo tem ‘cara’ de mulher, ainda que surjam outras problemáticas de inclusão no percurso, como a integração de maior número de colaboradores não-brancos e/ou membros da comunidade LGBTQIA+. Fato divulgado na pesquisa e reiterado pelo Censo da Redação é a faixa etária dos colaboradores: o estudo diz que a maioria dos jornalistas brasileiros tem entre 20 e 30 anos, e a média etária dos colaboradores da Folha é de 37 anos.

3.2 Sistematização dos dados coletados

Para estabelecer o papel da mulher enquanto jornalista da Folha foi feito um estudo de caso em 2021. A metodologia escolhida foi a definição de uma semana construída entre os meses de novembro e dezembro, destacando todas as matérias de autoria feminina. Os dias analisados foram 15, 17, 23 e 25/11 (respectivamente segunda, quarta, terça e quinta-feira) e 03, 04 e 12/12 (sexta, sábado e domingo). O objetivo do desmembramento dos dias da semana no período de um mês foi evitar a repetição de assuntos das matérias factuais, podendo assim ter um panorama geral da jornalista dentro da Folha de S. Paulo, em diferentes momentos e cenários.

Descobertas as quantidades totais (gráfico 1), foram trazidas à luz a especificidade de cada editoria: os números específicos de mulheres falando sobre determinados temas em cada caderno e as porcentagens por editoria. A Folha não seguiu, especificamente, a tendência do jornalismo brasileiro, que seria a supremacia quantitativa feminina. Isso não significa que as mulheres estejam em grande desvantagem numérica: as jornalistas escreveram 44,7% das matérias coletadas durante a semana construída.

Gráfico 1 - Total de matérias publicadas em uma semana, e a quantidade delas produzida por mulheres



Fonte: Desenvolvido pela autora, 2022.

A quase equidade em quantidade de matérias não pode ter interpretação superficial, levando em consideração apenas números. Em um olhar mais atento, analisando a distribuição dessas publicações femininas, podemos conferir a designação de certas editorias a mulheres, em detrimento das consideradas editorias 'duras'. Derivada do conceito da expressão inglesa *hard news*, editorias 'duras' presentes na Folha de S. Paulo seriam as que tratam de temas considerados mais importantes e complexos, como 'Poder', 'Mundo' e 'Mercado'.

Entre essas editorias mencionadas, apenas a 'Poder' conta com maior participação feminina: tanto 'Mundo' quanto 'Mercado' tem a colaboração das mulheres abaixo de 40% (tabela 2).

Tabela 2 - Porcentagem referentes à presença da mulher nas chamadas “editorias duras”

Editoria	Total de reportagens	Realizadas por mulheres	Porcentagem
PODER	58	31	53,40%
MUNDO	36	13	36,10%
MERCADO	73	27	36,90%

Fonte: Desenvolvida pela autora, 2022.

Além dessas, outras 16 editorias apareceram nas publicações da semana, das quais 10 tiveram a maioria das matérias realizadas por mulheres. A discrepância entre porcentagem total de matérias e editorias ‘dominadas’ por mulheres se dá ao fato de que, naquelas em que estão em menor número, a quantidade de publicações é maior do que a das editorias menores, devido ao peso imputado nessas editorias ‘duras’. É válido, ainda, destacar a participação na editoria de Esportes, a qual apenas 2 das 24 matérias foram de autoria feminina.

Isso demonstra que, apesar do esforço para a inclusão feminina, às mulheres ainda são incutidos temas e assuntos específicos, e ‘excluídas’ de outros. Seja pela contestação de sua capacidade ou pela suposição de que alguns assuntos sejam mais apropriados a serem tratados por um homem, as mulheres são relegadas a editorias consideradas mais ‘leves’, ou até menos complexas.

Ao analisar as 19 editorias encontradas na semana construída, podemos ter um panorama geral da presença da jornalista da Folha em cada uma delas (tabela 3), reiterando o examinado anteriormente: as editorias com predominância feminina têm poucas matérias ou grau de importância e complexidade julgados baixos.

Tabela 3 - Matérias realizadas por mulheres em cada editoria da Folha de S. Paulo durante semana construída entre novembro e dezembro de 2021

Editoria	Por mulheres	Total de matérias	Porcentagem
Editoriais	11	27	40,70%
TENDÊNCIAS/ DEBATES	6	14	42,80%
OUTROS ASSUNTOS	3	6	50%
PAINEL	4	5	80%
PODER	31	58	53,40%
MUNDO	13	36	36,10%
MERCADO	27	73	36,90%
MPME (micro, pequenas e médias empresas)	6	8	75%
ESG (governança ambiental social e corporativa)	1	2	50%
SAÚDE	18	29	62%
AMBIENTE/COP 26	3	4	75%
COTIDIANO	20	32	62,50%
ESPORTE	2	24	8,30%
FOLHA CORRIDA	3	9	33,30%
ILUSTRADA	18	44	40,90%
SEMINÁRIOS FOLHA	1	2	50%
GUIA FOLHA	3	6	50%
TURISMO	0	2	0
FOLHINHA	1	1	100%

Fonte: Desenvolvida pela autora, 2022.

A editoria com maior porcentagem de publicações femininas, por exemplo, seria a Folhinha, suplemento de cunho infantil da Folha de S. Paulo, publicada no sábado (04/12). Porém, além de não ser considerado um dos cadernos mais

importantes no que diz respeito a noticiabilidade e assuntos tratados, possui apenas uma publicação, o que indica que editorias muitas vezes ignoradas ou desprezadas por outros jornalistas podem acabar sendo deixadas para profissionais do sexo feminino.

O mesmo acontece com outras editorias pequenas, que por muitas vezes não são ao menos diárias, como é o caso de 'Outros assuntos', 'Painel', 'MPME', 'ESG', 'Ambiente/COP 26', 'Seminários Folha' e 'Guia Folha'. Nenhum desses cadernos contou com mais de 10 publicações ao decorrer da semana construída, e todos tiveram a participação feminina em porcentagem igual ou acima de 50. Ignorando-as, a editoria que registrou a maior atuação de mulheres foi 'Cotidiano', com 62,5%, seguida de perto por 'Saúde', com 62%. Elas tiveram, no entanto, a média de 30 matérias publicadas na semana, o que corresponde apenas à quantidade escrita por mulheres em 'Poder', que configura a maior participação em termos quantitativos.

Apesar disso, a editoria escolhida para mais profunda análise foi 'Cotidiano', levando em consideração a maior porcentagem apresentada e maior possibilidade de variação de assuntos dentro do próprio tema.

3.3 Análise de editoria

A editoria 'Cotidiano' teve 32 publicações no total no decorrer da semana construída, das quais 20 foram de autoria feminina. Entre elas, apenas quatro tratavam de temas relacionados à mulher, que são: 'Lei obriga síndico a notificar violência doméstica em São Paulo', 'Gênero: Feminino - Brasil ocupa 142º posição no ranking de mulheres na política', 'Assassinato de Marielle Franco estimula novos programas de proteção' e 'Unesp vai oferecer bolsa para alunas que se tornarem mães'. É com a análise dos títulos (tabela 3) que se pode observar que, dentro de 'Cotidiano', a diversidade de assuntos é grande, mesmo que pertencentes a uma mesma editoria.

Tabela 4 - Título e autoras das matérias presentes em 'Cotidiano'

Data	Jornalista(s)	Título
15/11	Victória Damasceno	Lei obriga síndico a notificar violência doméstica em São Paulo
	Patrícia Pasquini	Advogado e mágico, espalhou alegria e otimismo
17/11	Paulo Saldaña e Danielle Brant	Ministro nega ENEM com 'cara do governo'
	Ilona Szabó de Carvalho	As boas surpresas da COP26
	Jéssica Bernardo	CEUs de São Paulo inaugurados há um ano estão fechados para eventos culturais
23/11	Ana Luiza Albuquerque e Matheus Rocha	Polícia mata muito mais quando age por vingança, afirma especialista
	Mateus Vargas e Isabela Palhares	Bolsonaro diz que Enem está mudando e nega interferência
	Wesley Faraó, Patrícia Pasquini e Marcelo Toledo	Cidades do interior de SP cancelam Carnaval por causa da Covid
	Catia Seabra e Mathilde Missioneiro	Gênero: Feminino - Brasil ocupa 142º posição no ranking de mulheres na política
	Catia Seabra e Mathilde Missioneiro	Assassinato de Marielle Franco estimula novos programas de proteção
25/11	Ana Luiza Albuquerque	Não há indícios de facadas em mortos no Rio
	Isabela Palhares	Mais de 450 mil alunos do ensino fundamental ficaram sem atividade
03/12	Tati Bernardi	Engatilhado
	Isabella Palhares	Unesp vai oferecer bolsa para alunas que se tornarem mães
	Ana Luiza Albuquerque	Crianças negras são maioria entre as mortes violentas

	Camila Mattoso, Fabio Serapião e Guilherme Seto	PF calcula dano mínimo de R\$188 milhões por vazamento de óleo em 2019 e indícia gregos
04/12	Victória Damasceno	Criminosos vendem por R\$200 dados de milhões de brasileiros
	Mariana Zylberkan	Sem-teto dizem ser alvo de homofobia durante censo em SP
	Fernanda Canofre	Advogado sobe o tom em júri da boate Kiss e é repreendido
12/12	Mariana Zylberkan	São Paulo tem mais de 175 mil moradias em área de risco

Fonte: Desenvolvida pela autora, 2022.

Entre as 20 matérias do caderno que tiveram autoria feminina, é possível identificar a repetição os temas ‘violência/polícia’, ‘saúde’, ‘meio ambiente’, ‘educação’ e ‘social’, além do ‘feminino’. O fato de esta ser a editoria com maior porcentagem de participação feminina reforça estereótipos de gênero, em que a mulher é mais apta a temas sociais e de direitos humanos do que à cobertura de temas ‘duros’.

As mulheres tendem a ultrapassar a execução meramente informativa do jornalismo, trazendo um olhar mais humanitário e deixando pontos de reflexão. Por exemplo, a matéria ‘Mais de 450 mil alunos do ensino fundamental ficaram sem atividade’ de Isabela Palhares aborda o tema de educação, mas não deixa de relativizar a privação ao ensino com as camadas sociais mais afetadas pelo período de aulas remotas, durante a pandemia. O reconhecimento de que alunos pretos e pobres foram mais prejudicados pelo mesmo problema acaba por fazer recair um olhar muito mais empático sobre o assunto.

Outras matérias, no entanto, indicam temas sociais e acabam sendo tratadas com exagerada objetividade. Esse é o caso de ‘Sem-teto dizem ser alvo de homofobia durante censo em SP’, de Mariana Zylberkan. Mesmo abordando tópicos relacionados à comunidade LGBTQIA+, as fontes apresentadas no corpo do texto foram oficiais, apresentando dados técnicos. Porém, casos como esse, no geral, podem ser tratados como a exceção à regra. É possível observar que a expressiva maioria das publicações transpira o cuidado da autora em não apenas um relato frio, mas expor as adversidades do assunto. À mulher, cabe um papel mais sensível, e mesmo

enquanto mantém esse e outros estereótipos relacionados a figura feminina, se preocupa com a maneira com que aborda temas delicados para a sociedade em geral. Nota-se também que a maior parte das matérias que fogem dessa regra tem coautoria de um jornalista do sexo masculino, fortificando uma outra preconcepção: a do homem como figura mais técnica, objetiva e até mesmo ‘cruel’.

3.4 A figura do Ombudsman

A Folha de S. Paulo é um dos maiores jornais de periodicidade diária da atualidade, contando com 61.195 exemplares impressos no índice de circulação⁴. Foi ela também que inaugurou em terras brasileiras a figura do Ombudsman.

Ombudsman (homem que representa – em tradução literal, ou ainda representante do cidadão ou provedor da justiça), nomeia uma espécie de ouvidoria-geral. O termo surge na Suécia em 1713, e entrou para constituição daquele país em 1809, um ano depois de o Brasil ter, enfim, seu primeiro jornal impresso publicado” (REIS; THOMÉ, 2020, p. 47). A função é exercida normalmente por uma/um jornalista, que passa a ser o “representante” dos leitores frente à linha editorial e aos profissionais do veículo de comunicação onde desempenha a atividade, objetivando responder as queixas, em especial sob o ponto de vista ético, do e no processo informativo.

As primeiras experiências nesse sentido são registradas nos periódicos CourierJournal, de Louisville, e The Washington Post, de Whashington, DC. Nas décadas seguintes, tal função começa a surgir na Europa, especificamente na Espanha, com o jornal El País e, na França, no tradicional Le Monde (COSTA, 2006 apud REIS; THOMÉ, 2020, p. 47).

No caso específico da Folha, o primeiro a ocupar o cargo foi Caio Túlio Costa (1989-1991) e entre 1993 e 1994 assumiu a primeira jornalista, Junia Nogueira de Sá, no terceiro período do cargo (tabela 5).

Para exercer o cargo com independência, o jornal instituiu o mandato de um ano para cada ombudsman, com a possibilidade de apenas

⁴ Dado fornecido pelo Instituto Verificador de Comunicação, referente a média de janeiro a março de 2022.

uma única renovação de mais um ano. Essa possibilidade, posteriormente, foi expandida para duas renovações (três anos de mandato). O profissional não pode ser demitido durante o mandato e tem estabilidade de mais seis meses no jornal após deixar a função (UFG, 2022)

Tabela 5 – Ombudsmen da Folha de S. Paulo da atualidade até Caio Túlio Costa

Ombudsman	Período
José Henrique Mariante	Atualidade
Flavia Lima	2019-2021
Paula Cesarino Costa	2016-2019
Vera Guimarães Martins	2014-2016
Suzana Singer	2010-2014
Carlos Eduardo Lins da Silva	2008-2010
Mário Magalhães	2007-2008
Marcelo Beraba	2004-2007
Bernardo Ajzenberg	2001-2004
Renata Lo Prete	1998-2001
Marcelo Leite	1994-1997
Junia Nogueira de Sá	1993-1994
Mario Vitor Santos	1991-1993
Caio Túlio Costa	1989-1991

Fonte: Desenvolvida pela autora, 2022.

Na publicação *O relógio de Pascal: a experiência do primeiro ombudsman da imprensa brasileira*, escrito por Caio Túlio Costa, o jornalista descreve a sua experiência na função. Dentre o vários relatos, Costa afirma que “até meados de 1991 existiam 73 ombudsmen de imprensa em todo o mundo” (2006, p. 32), embora no Brasil, afirmam Reis e Thomé (2020, p. 4), “após dois anos da inauguração da função pela Folha de S. Paulo, existiam apenas duas outras experiências semelhantes: no jornal cearense *O Povo*, e no carioca *O Dia*”.

Outro fato interessante é sobre a discussão o uso da palavra ombudsman ou ombudswoman, quando exercido por mulher. Este é um tema que, talvez, ainda precise ser melhor discutido. Um exemplo está na página da Folha, do dia 09 de fevereiro de 2021, onde encontramos a mensagem de Angela M Konrath, que assinalou

A Folha deveria rever e utilizar a linguagem inclusiva de gênero. Não tem sentido é manter uma expressão que remete a ideia machista, qdo claramente não há esta intenção. Precisamos superar os entraves da linguagem e atualizar nossos termos ao tempo presente em que mulheres ocupam espaços e merecem o respeito de terem a nomeação de seus cargos adequados ao seu gênero. É para ir mais adiante, poderíamos avançar no uso da expressão person, dada a nossa diversidade e multiplicidade de gêneros. (CURIOSIDADE - FOLHA, 2022, web)

A Folha justifica afirmando que

O nome ombudsman da função é comum aos dois gêneros. Ombudsman é uma palavra sueca – que significa representante do cidadão – utilizada igualmente para os dois gêneros. Não teria sentido usar a regra da língua inglesa. Tanto que, no caso de plural, a Folha usa ombudsmans e não ombudsmen. Nos EUA, há quem utilize ombudswoman ou até ombudsperson. (CURIOSIDADE - FOLHA, 2022, web)

Retornando sobre a presença feminina na função, após Junia Nogueira de Sá, mais cinco mulheres ocuparam o cargo de Ombudsman da Folha de S. Paulo, configurando seis Ombudsmen do sexo feminino ante o total de 14 profissionais. Cargo importante e detentor de certo *status* e poder, o absoluto de 42,8% de representação feminina é um grande marco na história do jornalismo brasileiro. Outra conquista igualmente importante foi a presença da jornalista Flavia Lima, a primeira mulher negra a ocupar o cargo de Ombudsman da Folha de S. Paulo.

4 Considerações finais

O jornalismo, que deu seus primeiros passos com a *Acta Diurna* e ganhou projeção com a prensa de Gutenberg, foi lugar inóspito para as mulheres durante muito tempo. No século XIX, após a propulsão de ideais feministas de equidade de gênero e da atenuação da força de trabalho feminina, os periódicos passaram a criar conteúdos para e por mulheres.

A Folha de S. Paulo foi pioneira na criação da (hoje desativada) editoria de Diversidade, contando com a colaboração feminina desde cerca da década de 1970. Em um estudo de caso selecionando publicações do jornal impresso entre os meses novembro e dezembro de 2021, pode-se concluir a quase equidade numérica em termos de matérias de autoria feminina.

Porém, é importante ressaltar que as jornalistas estavam ligadas a determinados temas e editorias considerados menos ‘duros’ ou complexos. Também perpetuaram alguns estereótipos de gênero, como por exemplo a afeição da mulher a temas sociais e seu olhar mais voltado aos direitos humanos, colocando o homem como figura mais objetiva.

Foi cumprido o objetivo geral de determinar os motivos e maneiras em que as mulheres foram inseridas no cenário jornalístico, concluindo que houve divergências quanto ao período e circunstâncias da inclusão feminina ao mercado de trabalho no Brasil e no resto do mundo, mas que o resultado foi o mesmo: a criação de jornais destinados ao consumo feminino, e, posteriormente, idealizados por mulheres.

A realização do presente trabalho atravessou alguns percalços, inclusive a difícil colaboração do veículo alvo de estudo de caso. A pesquisa mais aprofundada foi dificultada pela demora e, em algumas vezes, falta de resposta da parte da Folha de S. Paulo. Apesar disso, as informações encontradas on-line e as fornecidas pelos canais de atendimento do veículo de comunicação se mostraram eficazes em cumprir o objetivo de pesquisar a mulher enquanto jornalista da grande mídia, com estudo de caso da Folha de S. Paulo.

Pode-se concluir que a mulher reforçou sim alguns estereótipos de gênero, como aspirava compreender o objetivo de definir a manutenção ou quebra de lugares-comuns do considerado assunto pertinente ao feminino. Porém, é importante ressaltar que isso nem sempre pende para o negativo, já que as concepções reafirmadas foram a de mulher ‘sensível’ e ‘empática’, o que resultou na produção de matérias

mais humanitárias, que dá voz a problemas sociais e muitas vezes assume um tom de denúncia.

O presente trabalho abriu espaço para indagações além da presença da mulher na mídia: durante o período de pesquisas e produção, constatou-se significativo avanço do papel da mulher enquanto jornalista. Porém, revelou a problemática ainda pouco abordada referente a outros grupos considerados minorias sociais, como pessoas não-brancas e LGBTQIA+. Surgiu, assim, uma nova pergunta: onde e como estão tais pessoas no jornalismo brasileiro? É um tema a ser percorrido em uma possível publicação futura ou pós-graduação.

Os resultados nesta pesquisa obtidos tem a finalidade de colaborar com a academia e a sociedade, agregando às publicações sobre o tema e em retorno ao povo brasileiro, que é uma das funções da universidade pública. A delimitação do espaço ocupado por mulheres no jornalismo brasileiro atual não apenas esclarece dúvidas, mas levanta questões sobre os papéis de gênero e estereótipos performados por mulheres.

Para finalizar é preciso registrar que o trabalho foi desenvolvido durante a Pandemia da Covid-19 e o lamentável número de mortes que ocorreram no período. A suspensão das atividades acadêmicas no início do projeto, agravada por outras dificuldades de ordem pessoal impôs o desafio da superação e da não desistência diante do quadro que se desenhava.

Soma-se a isso, ainda, o fato de que a prática jornalística insere-se como uma esfera de rediscussão dos pressupostos profissionais consolidados, não apenas à medida que pretende acompanhar as mudanças no mercado profissional como, ao mesmo tempo, a partir de um questionamento constante dessas mesmas ações que objetiva a construção coletiva de um espaço de proposição-ação de novos direcionamentos e encaminhamentos das práticas jornalísticas.

E neste sentido, o direito à informação é posicionado como um ingrediente-chave na construção social da cidadania já conclamado por muitos autores. A informação é entendida como uma *porta de entrada* a outros direitos, pois permite acesso aos mecanismos necessários para o exercício do conjunto dos direitos. A informação jornalística, com base nesse contíguo de pressupostos, é um direito que assegura outros direitos, posto ser um dos atores-chave na mediação das visibilidades das demandas sociais.

Desta forma, esse breve quadro descrito foi um estímulo importante para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e, em especial, observar que apesar do papel histórico dos meios de comunicação na luta pela inserção das mulheres no mercado profissional, ainda há muito por fazer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA SENADO. **Para lei escolar do Império, meninas tinham menos capacidade intelectual que meninos**. Senado Notícias, 2 mar. 2020. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/nas-escolas-do-imperio-menino-estudava-geometria-e-menina-aprendia-corte-e-costura#:~:text=Para%20lei%20escolar%20do%20Imp%C3%A9rio%2C%20meninas%20tinham%20menos%20capacidade%20intelectual%20que%20meninos,-Ricardo%20Westin&text=A%20primeira%20grande%20lei%20educacional,separado s%20e%20tivessem%20curr%C3%ADculos%20diferentes.>> Acesso em: abr 2022.

ANJ - Associação Nacional de Jornais. Jornais: **Breve História**. Brasília, 2020. Disponível em: <<https://www.anj.org.br/breve-historia/>>. Acesso em: nov 2022.

BEKEMBALL, José Flank; ANGELOS, Marianna Alves; LUCIAN, Rafael; VILAÇA, Giselda. **CRISE NO JORNAL IMPRESSO: ANÁLISE DE COMO AS MUDANÇAS NOS HÁBITOS DE LEITURA TEM INFLUENCIADO**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Recife, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-0185-1.pdf>>. Acesso em: out 2022.

BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN. **Correio braziliense ou o armazém literário**. 2001. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm-ext/1303>>. Acesso em: nov 2022.

BOTTA, Mariana Giacomini. **A imprensa pioneira em língua portuguesa e os gêneros jornalísticos no século XVIII**. São Paulo: Revista Comunicação Midiática, v.8, n.2, pp.149-168, mai./ago. 2013. Disponível em: <<file:///C:/Users/gabi-/Downloads/Dialnet-AlmprensaPioneiraEmLinguaPortuguesaEOsGenerosJorna-4790786.pdf>>. Acesso em: nov 2022.

CAPITANI, Lídia. **O jornalismo tem rosto de mulher, mas ainda falha em ser diverso**. Meio & Mensagem, 2022. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/womentowatch/2022/08/16/o-jornalismo-tem-rosto-de-mulher-mas-ainda-falha-em-ser-diverso.html>>. Acesso em: nov de 2022.

CARRA, Patrícia Rodrigues Augusto. **Entrevista com a Criadora do Jornal das Senhoras**. Porto Alegre: Histori-se, 2021. Disponível em: <<https://historise.com.br/historicas-entrevista-com-a-criadora-do-jornal-das-senhoras/>>. Acesso em: nov de 2022.

COSTA, Caio Tulio. **Ombudsman** - o relógio de Pascal. São Paulo: A Girafa, 2006.

DARWIN, Charles. **A Origem do Homem e a Seleção Sexual**. Londres: John Murray, 1871. <<https://archive.org/details/darwin-charles.-a-origem-do-homem-e-a-selecao-sexual/page/n1/mode/2up>>. Acesso em: abr 2022.

DE OLIVEIRA, Edileusa Martins. **MULHERES JORNALISTAS: HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E VIDAS**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/12622/1/Arquivototal.pdf>>.

Acesso em: out de 2022.

DEUTSCHES TEXARCHIV. **Annvs Christi, 1597. Rorschach, 1597.** Berlim, 2013. Disponível em: https://www.deutschestextarchiv.de/book/view/anonym_annus_1597?p=25. Acesso em: nov 2022.

DIAS, Claudete Maria Miranda. **Movimentos sociais do século XIX: história e historiografia.** XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: Universidade Federal do Piauí., João Pessoa, p. 1-9, 2003. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548177544_9f2a1d18b68b8f96ecd55e44c4d3aed5.pdf.> Acesso em: abr 2022.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil: Século XIX:** dicionário ilustrado. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil** - 12º ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994-2006. Disponível em: <https://mizanzuk.files.wordpress.com/2018/02/boris-fausto-historia-do-brasil.pdf>. Acesso em: nov 2022.

GALLICA. **La Voix des femmes: journal socialiste et politique.** França: Bibliothèque Nationale de France. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k898635s>. Acesso em: nov 2022.

GOMES, Gisele Ambrósio. **ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: A CONSTRUÇÃO DO FEMININO NO BRASIL DO OITOCENTOS, 1827-1846.** Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/3539/1/qiseleambrosiogomes.pdf>. Acesso em: nov 2022.

G1- *Sob supervisão de Samantha Silva e Rodrigo Pereira, editores do g1 Piracicaba.* **Saiba quem foi Maria de Lourdes Teixeira, 1ª mulher a ser indicada para a Academia Paulista de Letras.** Piracicaba, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2022/05/10/saiba-quem-foi-maria-de-lourdes-teixeira-1a-mulher-a-ser-indicada-para-a-academia-paulista-de-letras.ghtml>.> Acesso em: nov 2022.

HOBBSAWM, Eric. **A era das revoluções.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. Disponível em: <http://lutasocialista.com.br/livros/V%C1RIOS/HOBBSAWM%2C%20E.%20A%20era%20das%20revolu%E7%F5es.pdf>.> Acesso em: abr 2022.

KARAWJCZYK, Mônica. **Os primórdios do movimento sufragista no Brasil: o feminismo “pátrio” de Leolinda Figueiredo Daltro.** Estudos Ibero-Americanos, vol. 40, núm. 1, pp. 64-84. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/conabipodihu/article/view/9326/7996>.> Acesso em: nov de 2022.

LIMA, Flávia. **Veja quem já foi ombudsman da Folha desde 1989.** São Paulo:

Folha. UOL, 2014. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ombudsman/2014/09/veja-quem-ja-foi-ombudsman-da-folha-desde-1989.shtml>>. Acesso em nov de 2022.

MATTOS, Laura; *Folha.UOL*. **Helena Silveira se destacou na crítica de TV nos anos 1970**. São Paulo: 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2021/08/helena-silveira-se-destacou-na-critica-de-tv-nos-anos-1970.shtml>>. Acesso em: nov 2022.

MEIRELLES, Juliana Gesuelli. **A Gazeta do Rio de Janeiro: o jornal oficial da corte de D. João VI no Brasil (1808-1821)**. São Paulo: V Congresso Nacional de História da Mídia, 2007. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CSO/article/viewFile/759/769>>. Acesso em: nov 2022.

PERFIL DO JORNALISTA. Perfil do Jornalista Brasileiro. Santa Catarina: Laboratório de Sociologia do Trabalho (Lastro/UFSC), 2021. Disponível em: <<https://perfildojornalista.ufsc.br/>>. Acesso em: nov de 2022.

PILAGALLO, Oscar. **O que dizia a Primeira Página da Folha de 100 anos atrás**. São Paulo: FOLHA.UOL, 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2021/02/o-que-dizia-a-primeira-pagina-da-folha-de-100-anos-atras.shtml>>. Acesso em: nov de 2022.

PINTO, Ana Estela Sousa. *Folha / Ana Estela Sousa Pinto*. – São Paulo: Publifolha, 2012. – (Folha Explica)

QUERINO, Luciane Cristina Santos; DOMINGUES, Mariana Dias dos Santos; DA LUZ, Rosangela Cardoso. **A EVOLUÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO**. E-FACEQ, ano 2, n. 2, p. 1-32, 2 ago. 2013. Disponível em: <http://e-faceq.blogspot.com/>. Disponível em: <<http://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20170427174519.pdf>>. Acesso em: abr 2022.

RAGO, Margareth. **Relações de Gênero e Classe Operária no Brasil, 1890-1930 - Olhares Feministas**. Brasília: Ministério da Educação - UNESCO, 2007. Disponível em: <https://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/olhares_feministas.pdf#page=219>. Acesso em nov de 2022.

REIS, Marco Aurélio; THOMÉ, Cláudia. Primeira 'ombudswoman' do Brasil: resgate de uma experiência pioneira. In: **Revista Brasileira de História da Mídia**. Vol. 9, n. 1, jan/jun 2020.

RODRIGUES, Paulo Jorge; MILANI, Débora Raquel da Costa; CASTRO, Laura Laís de Oliveira; CELESTE FILHO, Macioniro. **O TRABALHO FEMININO DURANTE A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL**. Marília: XII semana da mulher, 2015. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/xiisemanadamulher11189/o-trabalho-feminino_paulo-jorge-rodrigues.pdf>. Acesso em: nov 2022.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **FORÇA DE TRABALHO FEMININA NO BRASIL: NO INTERIOR DAS CIFRAS**. São Paulo: Perspectivas, 1985. Disponível em:

<<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/108258/ISSN1984-0241-1985-8-95-141.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em nov de 2022.

SILVA, Daniel Neves. **Revolução Industrial**; *Brasil Escola*. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/revolucao-industrial.htm>>. Acesso em: nov 2022.

SILVA, Natália. **Risco duplo: ser mulher e jornalista**. ABRAJI, 2029. Disponível em: <<https://abraji.org.br/noticias/risco-duplo-ser-mulher-e-jornalista>>. Acesso em: nov de 2022.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **Iluminismo**; *Brasil Escola*. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/iluminismo.htm>>. Acesso em nov de 2022.

TIPÓGRAFOS NET. **Os jornais: a Imprensa pré-industrial**. 2007. Disponível em: <<http://tipografos.net/jornais/pre-industrial.html>>. Acesso em: nov 2022.

UFG - Universidade Federal de Goiás. **Ombudsman, o que é o cargo?**. Goiânia. Disponível em: <<https://www.ouvidoria.ufg.br/n/29881-ombudsman-o-que-e-o-cargo>>. Acesso em: nov de 2022.